

ESCOLAS DE EXPERIÊNCIA: 1956, A NEW LEFT E A FORMAÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA INGLESA

*Wade Matthews*¹

*Tradução: Gabriel Alves Damaceno*²
*Revisão: Denise N. De Sordi*³

“A Grande História é escrita precisamente quando a visão do passado do historiador é iluminada por uma percepção profunda dos problemas do presente.”⁴

E. P. Thompson ainda é uma figura invocada, mesmo passado vinte e poucos anos após sua morte e cinquenta anos após a publicação da *A formação da classe operária inglesa* (a partir daqui *A formação*). O propósito desse estudo é provocar um pouco mais com o nome e o legado de Thompson. Primeiro, explorar suas atividades políticas entre 1956 e 1965. Foi durante esses anos que Thompson escreveu e publicou *A formação*.⁵ Um segundo propósito do estudo é olhar os contextos políticos, sociais, e intelectuais da sua história da classe operária inglesa, e refletir sobre como esses contextos, particularmente sua experiência de organização para o socialismo, interagiu com o argumento de *A formação*.

¹ Departamento de História York University.

² Graduando do curso de História (Inhis/UFU). Bolsista em projeto extensão/ NUPEHCIT (2013).

³ Mestranda no programa de pós-graduação em História – Inhis/UFU. Linha de pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais.

⁴ CARR, E. H. *What is History?* London: org. 1961, 2008. p. 37.

⁵ THOMPSON, E. P. *The Making of the English working class*. London: 1963. O livro foi republicado em 1968 com Penguin (esta edição incluiu um “Pós-escrito”), e então reimpresso em 1980 (com um novo “Prefácio”).

A organização política tem sido subestimada recentemente, e de mais longa data, as avaliações da vida e do pensamento de Thompson.⁶ Às vezes é sugerido que Thompson absteve-se da organização política, especialmente depois de 1956, um julgamento que, em parte, descende de uma assimilação injustificada do pensamento político de Thompson para tradicionais temas anti-organizacionais associados com a *New Left*. Os comentadores têm vindo a salientar os “compromissos éticos” ou “julgamentos morais” de Thompson, na ausência de uma apreciação sobre como esses compromissos éticos e julgamentos morais eram uma função de seu engajamento político.⁷ É o argumento desse artigo que nem o socialismo de Thompson nem sua história-escrita é explicável sem a consciência da centralidade na organização para o socialismo a sua realidade vivencial.⁸

⁶ Por exemplo, esta dimensão está ausente do debate provocado por Richard Johnson, Edward Thompson, Eugene Genovese e a História Socialista Humanista, no *History Workshop Journal*, 6, p.79-100, 1978. Aparece apenas vagamente no tratamento de Stefan Collini de Thompson em *Absent Minds: Intellectuals in Britain* (Oxford 2006). Muitas avaliações do efeito de Thompson no desenvolvimento da história social completamente perdem essa dimensão. Característico a esse respeito foram os debates sobre a linguagem, o pós-modernismo, e o “fim da história social” que se alastrou em jornais históricos, como *Social History* na década de 1990.

⁷ Ver Michael Kenny *Socialism and the Romantic ‘Self’: The case of Edward Thompson*, *Journal of Political Ideologies*, v. 1, n. 5, p. 105-127, 2000. Mas, para uma leitura diferente, que preste mais atenção à organização política ver KENNY, Michael. *Communism and the New Left*. In: ANDREWS, Geoff. et al., *Opening the books: Essays in the culture and history of communism*. London: 1995. p. 195-209. Existe valor na crítica de Joan Scott sobre *A formação da classe operária inglesa*, e ela está certa em creditar política como o imperativo por trás da narrativa de Thompson da experiência da classe operária. Entretanto, ela principalmente ignora o contexto de construção dos livros de Thompson, nem ao menos seu envolvimento na “organização para o socialismo”. Ver SCOTT, Joan W. *Women and the making of the english working class*. In: SCOTT, J. W. *Gender and the Politics of History*. New York: 1988. p. 68-90.

⁸ A organização política é a ligação perdida na tendência de comentadores

1

Nos passos de seu irmão, Frank, E. P. Thompson ingressou no Partido Comunista da Grã-Bretanha (PCGB) em 1942, uma decisão que pode ser lida como uma radicalização do internacionalismo que era um ramo bem estabelecido de sua “árvore genealógica”.⁹ O comunismo de Thompson era sem dúvida internacionalista, mas foi primariamente “político”, até mesmo “emocional”,¹⁰ mais uma questão sobre valores e necessidade de decisão do que qualquer grande incômodo com a teoria marxista. Escrevendo para Raphael Samuel, muitos anos mais tarde, ele tocou nesse ponto. Sua geração de comunistas, ele escreveu, “se consideravam comunistas primeiro, e como marxistas somente em segundo”.¹¹ Isso fornece uma explicação para porque Thompson era tão rápido para defender as escolhas *políticas* dos *comunistas*,

posteriores para separar a política de Thompson de sua erudição. Para o reconhecimento dessa tendência, considere EASTWOOD, David. *History, Politics and Reputation*: E. P. Thompson. History, n. 85, p. 640, 2000; HAMILTON, Scott. *The Crisis of Theory*: E. P. Thompson, the new left and postwar british politics. Manchester: 2010. Embora ambos Eastwood e Hamilton reconheçam a tendência em separar “Thompson, o historiador” de “Thompson, o ativista político”, cada um passa por alto a centralidade da “organização para o socialismo” para a vida e trabalho de Thompson. Para um bom exemplo de um estudo que refute a distinção entre a política de Thompson e sua erudição, ver PALMER, Bryan D. *The Making of E. P. Thompson: Marxism, Humanism, and History*. Toronto: 1981.

⁹ Para uma discussão da sua “árvore genealógica,” ver PALMER, Bryan D. *E. P. Thompson: Objections and Oppositions*. London: 1994. p. 13-51. Thompson havia sido um garoto de escola comunista, vendendo cópias do *Daily Worker* para colegas de sala. Ver CONRADI, Peter. *A very english hero: The making of Frank Thompson*. London: 2012. p. 72-75. Ver também THOMPSON, E. P. Agenda for a Radical History. In: THOMPSON, E. P. *Making History: Writings on History and Culture*. New York: 1994. p. 359-360.

¹⁰ Ver WHITEHEAD, Andrew. Interview with E. P. Thompson in Worcestershire, dez., 1991. 43 minutos. Disponível em <www.andrewwhitehead.net/ep-and-dorothy-thompson.html> . Acesso em 10 nov. de 2013.

¹¹ Carta, E. P. Thompson para Raphael Samuel (sem data, mas em algum momento no início de 1980), Raphael Samuel Archive, Bishopsgate Institute, London.

na década de 1930 e 1940, muito depois de ter publicamente denunciado o stalinismo e ter se demitido do PCGB.

Em 1943, Thompson se voluntariou para a guerra e serviu como comandante da tropa de tanques no Norte da África e Itália. Sua experiência de guerra, determinada pela morte de seu irmão nas mãos dos fascistas da Bulgária em 1944, foi tão importante para sua formação política e intelectual quanto o anti-colonialismo de seu pai e o respeito atribuído à literatura inglesa.¹² Thompson lutou uma guerra política, embora não sob a direção do PCGB. Ele descobriu que o Exército Britânico era antimilitarista e anti-imperialista, e ele teria concordado com a disputa recente de Arnold Rattenbury que, mesmo antes do final da guerra, “o Exército havia desenvolvido a partir de um antifascismo mais conscientemente deliberado que o de Churchill”.¹³ Thompson sempre defendeu que a guerra da Grã-Bretanha contra o fascismo fora sustentada por uma “submissão de si mesmo para um bem coletivo”,¹⁴ que pode ficar como uma definição abreviada do que entendia ser o socialismo. Isso foi uma estrutura de sentimento que se transformou em votos para o Partido Trabalhista de Atlee (Thompson, de volta à Grã-Bretanha em licença compassivo, fez

¹² Para as experiências de guerra de seu irmão ver CONRADI, op. cit., 2012. A morte de Frank não forneceu apenas um exemplo supremo da característica de autossacrifício do clima espiritual em que E. P. Thompson foi criado e nutrido, reforçou sua desconfiança já bem estabelecida dos centros de poder e sua tendência a reduzir os seres humanos a categorias (ele acreditava que Frank tornou-se dispensável para o governo britânico, precisamente porque ele poderia ser classificado como um “comunista”). Também forneceu-lhe uma concepção de moralidade e responsabilidade política que sustentaria seu trabalho intelectual ao longo de quatro décadas ou mais. O exemplo explica, em parte, porque Thompson voluntariamente abandonou a história-escrita enquanto no auge de seus poderes como um historiador, para a campanha contra as armas nucleares no final da década de 1970.

¹³ Ver THOMPSON, E. P. *Beyond the Frontier: The Politics of a Failed Mission. Bulgaria, 1944*. Stanford: 1997. p. 58. Para a visão de RATTENBURY, Arnold ver *The Old, Bad Civilization*. London Review of Books, v. 19, n. 23, out. de 2001.

¹⁴ THOMPSON, E. P. *apud* PALMER, 1994, p. 46. Ver também THOMPSON, E. P. *Diary*. London Review of Books, v. 9, n. 9, p. 20-21, maio, 1987.

campanha para o PCGB em Buckinghamshire) e pode ser vista refletida em um dos primeiros poemas publicados de Thompson, “A História de 1945”.¹⁵ Aparecendo em *Our Time*, uma crítica literária comunista com a qual Thompson tinha relações estreitas durante e imediatamente após a guerra, “The Story of 1945” evoca a efervescência política – que ele mais tarde chamou de “euforia radical ‘populista’”¹⁶ – que o afetou, como tantos outros, em meados da década de 1940.¹⁷

Após a guerra, e na ilustração de um compromisso com a associação política vinda de baixo, Thompson colocou-se, ao lado de sua esposa Dorothy, em um projeto de construção de estrada de ferro da juventude comunista na Iugoslávia, onde, ele mais tarde disse, “o *nasha* [nosso]” da nação e do socialismo foram misturadas em evocação do que seu irmão tinha chamado de o “espírito da Europa”.¹⁸ Thompson considerou o projeto equivalente a desenvolvimentos políticos na Grã-Bretanha, seja a nacionalização das minas ou lutas para a construção de conjuntos habitacionais. Após a Iugoslávia, trabalhar como um Tutor de Educação de Adultos levou Thompson a Halifax (Yorkshire) em 1948.¹⁹ Halifax – uma vez descrita como “a escória mais cruel

¹⁵ Ver THOMPSON, Palmer. *The Story of 1945. Our Time*, dez., 1945. Como uma criança, e durante a década de 1940, Thompson ficou conhecido pelo seu nome do meio “Palmer”.

¹⁶ Thompson “Edgell Rickword” em THOMPSON, op. cit., 1994, p. 234. Ver também THOMPSON, E. P. *Open Letter to Leszek Kolakowski*. In: THOMPSON, E. P. *The poverty of theory and other essays*. New York: 1978. p. 354.

¹⁷ Há um breve relato de *Our Time* em RATTENBURY, Arnold. *Flytings. London Review of Books*, v. 2, n. 25, jan., 2003. Thompson proporciona um breve vislumbre de seu envolvimento com a *Our Time* em “Edgell Rickword” em THOMPSON, op. cit., 1994. p. 234-236.

¹⁸ THOMPSON, op. cit., 1978. p. 370. Para um relato dessa experiência, escrito pela esposa de Thompson Dorothy, ver, THOMPSON, Dorothy. *The Personal and the Political. New Left Review*, I/200, p. 94-95, jul./ago., 1993.

¹⁹ O melhor relato do trabalho de Thompson como Tutor de Educação de Adultos no Departamento Extra-Mural da Universidade de Leeds pode ser encontrado

da Revolução Industrial”²⁰ – serviria como sua base política e intelectual, até meados dos anos 1960. Durante esses anos de atividade concentrada no PCGB, na *New Left*, e no trabalho de composição da escrita de *A formação*. Essa localização, tanto político e espiritual como geográfica, não deve ser subestimada quando se consideram as fontes de trabalho intelectual de Thompson. Sempre desconfiado dos centros de autoridade – institucional, acadêmico, ideológico – sua peculiar marca do socialismo, especialmente no que se desenvolveu ao longo dos anos 1950, foi importantemente informado por seu posicionamento “nas províncias”.²¹

O PCGB era, entretanto, um corpo centralizado e centralizador, apesar de seus centros de vigor militante – o que Stuart Macintyre chamou seus “pequenos Moscows” – estarem localizados nas minas de carvão do País de Gales e Escócia.²² Com sede em Londres, o coração do Partido batia mais forte nas periferias da Grã-Bretanha. Ainda não deixa de ser surpreendente que a primária oposição intelectual ao PCGB, que surgiu em resposta ao “discurso secreto” de Krushev no XX Congresso do Partido Soviético, teve suas origens no norte da Inglaterra, em Halifax (E.

em SEARBY, Peter; MALCOLMSON, Robert W.; RULE, John. Edward Thompson as a Teacher: Yorkshire and Warwick. In: MALCOLMSON, Robert W.; RULE, John. (Ed.). *Protest and Survival: Essays for E. P. Thompson*. London: 1993. Em um exame mais amplo, considere FIELDHOUSE, Roger T. *Adult Education and the Cold War: Liberal Values Under Siege, 1946-1951*. Leeds: 1985; STEELE, Tom. *The Emergence of Cultural Studies, 1945-65: Cultural Politics, Adult Education and the English Question*. London: 1997.

²⁰ ANDERSON, Perry. E. P. Thompson. In: ANDERSON, *Spectrum*. London: 2005. p. 181.

²¹ Eu discuto esse ponto de vista dos escritos de Thompson mais longamente em meu livro *The New Left, National Identity, and the Break-Up of Britain*. Leiden: 2013. p. 59-103.

²² MACINTYRE, Stuart. *Little Moscows: Communism and working-class militancy in interwar Britain*. London: 1980.

P. e Dorothy Thompson) e em Hull (John Saville).²³ A oposição de Thompson ao Partido – que no final de 1956 era definitivamente uma “oposição leal” – começou bem antes do relatório de Krushev (fevereiro de 1956). No entanto, é difícil reconstruir essa discordância, especialmente porque as primeiras publicações de Thompson – até mesmo seu *William Morris* – estavam cheios de “piedades Stalinistas” e ponderados por uma concepção “reverencial” do Marxismo.²⁴

No entanto, isso não é tudo do que eles estavam cheios (Thompson descreveria mais tarde *William Morris*, com alguma razão, como uma obra de “revisão abafado” também). Se seus primeiros panfletos comunistas, *Fascist threat to Britain* (1947), podem generosamente ser interpretados como um lembrete útil de que o fascismo foi derrotado militarmente, mas não necessariamente apagado das mentes de homens e mulheres, *The struggle for a free press* (1952) lê-se como um sumário para um capítulo de *A formação*.²⁵ Ênfases características da política posterior de Thompson estão espalhadas em *The struggle for a free press*, como uma crítica subterrânea da prática do

²³ Esse não foi o único centro de oposição. De igual importância era a oposição que cresceu entre aqueles trabalhando no *Daily Worker*, lugar entre os quais estava Malcolm McEwen que mais tarde iria aparecer como um “New Reasoner” e servir o seu tempo na New Left. Para um relato da revolta no *Daily Worker* e do posterior desenvolvimento político de McEwen considerar seu livro de memórias, *The Greening of a Red* (London, 1990), para o qual Thompson escreveu um prefácio.

²⁴ Este era o próprio julgamento de Thompson. Ver o *Postscript* para a edição revisada de *William Morris: Romantic to Revolutionary*. London: 1977. p. 769.

²⁵ O contexto imediato de *Fascist threat to Britain* (Londres, 1947) foi o surgimento do exílio político (e prisão) de Oswald Mosley, líder da União de Fascistas da Grã-Bretanha na década de 1930. O panfleto foi escrito como uma polêmica de um momento político particular. É relativamente livre de piedade stalinista. *The struggle for a free press* inclui seções sobre “Wilkes e liberdade!”, “Carlile e seus shopmen”, e “O grande não selado”. Ver THOMPSON, E. P. *The struggle for a free press*. London: 1952.

PCGB. De fato, há o suficiente sobre *Fascist threat to Britain e The struggle for a free press* para torná-los reconhecidos como obras de E. P. Thompson, não menos importante evidenciam-se nesses a profunda “paixão moral” que subscreveu suas demais composições.²⁶ Se o “tom” tem algo a ver com a teoria política – e Thompson acreditava que tinha²⁷ – então *William Morris* e esses panfletos forneceram alguma evidência para as trilhas dissidentes pela qual ele seguiria durante 1956.

De fato, Thompson viria a referir a uma corrente de “revisão prematuro” dentro do comunismo britânico na década de 1950, um crítica “proto-revisionista” da teoria e da prática comunista que se estendia de volta para debates na *Left Review*, através da edição de Dona Torr para *Selected Correspondence* de Marx e Engels e de publicações de obras de poetas marxistas, críticos literários e historiadores, como Christopher Caudwell, Ralph Fox, Edgell Rickword, Christopher Hill, e Montagu Slater.²⁸ Aqui, Thompson encontrou uma herança para a contraposição ao comunismo internacional que ganhou vida na poesia de Wazyk, nas reflexões filosóficas de Kolakowski e nas ruas de Varsóvia e Budapeste, em 1956; recursos que o empurraria através das lutas políticas da década de 1950 e para “outro lado” – não do lado do “deus que falhou”, mas para o lado de uma crítica socialista-humanista do comunismo.

Não é fácil (na ausência de acesso ao arquivo Thompson, fechado até 2043) reconstruir as atividades políticas de Thompson no início da década de 1950. Uma boa parte do seu tempo era ocupado pelo ensino na Educação de Adultos, embora Thompson visse isso como uma atividade política equivalente a vender

²⁶ Eu peguei emprestado “paixão moral” de Palmer, op. cit., 1994. p. 57. Mas veja também THOMPSON, op. cit., 1963. p. 50.

²⁷ Ver comentários de Thompson sobre o tom de Cobbett em THOMPSON, op.cit., 1963. p. 820-826.

²⁸ Para reflexões posteriores de Thompson sobre essa corrente de “revisão prematuro”, ver seus ensaios “Christopher Caudwell”, “Left Review” e “Edgell Rickword”, em THOMPSON, op. cit., 1994. p. 77-140, p. 226-233, p. 234-241.

cópias do *Daily Worker* nos portões das fábricas (o objetivo de seus ensinamentos, dizia ele, era “criar revolucionários”).²⁹ Muito de seu ativismo político era de um tipo literário-cultural, seja apresentando trabalhos em congressos do PC – tal como em: “A Ameaça americana à Cultura Britânica” –, ensinando História nas escolas do Partido em Netherwood, ou participando de discussões de grupos de escritores e historiadores do Partido Comunista (embora sua participação nas reuniões do Grupo de historiadores era menos frequente do que mais tarde imaginava-se).³⁰ Ele também foi editor do *Yorkshire Voice of Peace*.³¹ De um tipo de ativista mais convencional, ele estava envolvido na liderança comunista do Comitê Britânico para a Paz. Mais tarde, ele falou sobre as intermináveis horas que passou em reuniões políticas durante esses anos como consequência de seu trabalho para a Federação de Organizações para a Paz de Yorkshire, a presidência do Comitê de Paz de Halifax, e suas responsabilidades na Comissão Distrital de Yorkshire do PCGB.³² Ele, sem dúvida, se estressou sob o peso de seus deveres, assim como ele fez com o “cerco de mentalidade” de muita propaganda comunista. No entanto ele considerou esses deveres separadamente com suas

²⁹ Ver SEARBY; MALCOLMSON; RULE, op. cit., 1993. p. 1-17. O ensino de Thompson foi, é claro, nunca simplesmente sobre “criar revolucionários”. Para uma reflexão mais complexa sobre o seu papel como um tutor de Educação de Adultos, Ver Education and Experience. In: THOMPSON, E. P. *The Romantics: Wordsworth, Coleridge, Thelwall*. London: 1997. p. 33-74.

³⁰ No grupo de historiadores do Partido Comunista o padrão de trabalho ainda é HOBSBAWM, Eric. J. ‘The Historians’ Group of the Communist Party. In: CORNFORTH, Maurice (Ed.). *Rebels and Their Causes: Essays in Honour of A.L. Morton*. New Jersey: 1979.

³¹ BESS, Michael. *Realism, Utopia, and the Mushroom Cloud: Four Activist Intellectuals and their Strategies for Peace, 1945-1989*. Chicago: 1993. p. 101.

³² Ver Cartas, E. P. Thompson para Bert Ramelson (26 maio de 1956), CP/CENT/ORG/18/04, CPGB Archives, Labour History Centre, Manchester. Nessa carta Thompson ofereceu sua renúncia do Comitê Distrital de Yorkshire do PCGB.

outras preocupações. Para Thompson, a organização política era uma atividade criativa tanto quanto escrever poesia. “Eu aprendi”, disse mais tarde, “a partir de determinadas pessoas trabalhadoras, sobre os valores, de solidariedade, de reciprocidade, de ceticismo diante de ‘verdades’ ideológicas recebidas, que eu achei difícil de descobrir de qualquer outra forma, a partir da cultura intelectual. Pois os valores de *égalité* não são aqueles que podem ser pensados, mas devem ser aprendidos através da experiência”.³³

The struggle for a free press concluía com a afirmação de que o “*Daily Worker* (periódico do PCGB) tornou-se um dos últimos canais para a circulação de opinião livre, o único periódico a ficar entre o povo e a campanha sem princípios de mentiras e propaganda de guerra da imprensa capitalista”.³⁴ Avaliado aqui como o último de uma longa, agora quase quebrada, cadeia de jornais da classe operária que remontam ao Registro Político de Cobbett, Thompson encerrou o lirismo sobre o *Daily Worker* como um farol de “sanidade e verdade”.³⁵ Apenas alguns anos mais tarde, porém antes de sua demissão do PCGB, Thompson pôde descrever o mesmo periódico, em uma carta a um funcionário do Partido, como “o periódico mais sombrio e menos inspirado na história do Trabalho”.³⁶ A diferença entre o público e o privado em exibição aqui era característica do relacionamento de Thompson ao comunismo britânico no início da década de 1950. Embora não devemos duvidar da sinceridade da ligação de Thompson ao comunismo britânico organizado, e embora nós certamente não devemos negligenciar a importância que ele atribuía a sua militância comunista de base, ele nutria suspeitas sobre a teoria, a prática e a interpretação da liderança do Partido sobre a União Soviética bem antes de 1956. Mas por um bom tempo suas suspeitas permaneceram subterrâneas.³⁷ Mesmo

³³ THOMPSON, op. cit., 1978. p. 385.

³⁴ THOMPSON, op. cit., 1952. p. 23.

³⁵ Ibidem. p. 23

³⁶ Carta, E. P. Thompson para James Klugmann (maio de 1956), CP/CENT/ORG/18/04, CPGB Archives.

³⁷ Um lugar que pode obter um melhor acesso à dissidência pré-1956 de Thompson

assim, ele teve dificuldades em passar seu *William Morris* e seus outros trabalhos pela burocracia comunista, obtendo êxito apenas por causa da influência de Dona Torr.³⁸

Havia razões para que Thompson permanecesse um comunista ao longo do final dos anos 1940 e início dos anos 1950, apesar de seu revisionismo subterrâneo. O Partido não só o forneceu, ao lado de amizades importantes, um canal para seus primeiros escritos, e um legado para suas convicções mais íntimas, na forma de um meio literário caracterizado por publicações como *Left Review* e *Our Time*, e composta por figuras como Rattenbury, Rickword, Swingler, e Slater (Thompson viria a descrever-se na época como um membro do “Centro Literário Swingler-Rickword-Slater permeando as fileiras da Verdadeira História Marxista”);³⁹ mas o Partido ainda pôde ser considerado, mesmo na década de 1950, a incorporação daquela ética de autossacrifício que havia

está na sua poesia. Desde tenra idade, Thompson queria ser um poeta, mas um poeta preocupado com afirmações políticas e com organização dos valores. Poesia, para ele, era um lugar de compromissos (políticos) e lealdades (humano), onde os compromissos e lealdades não eram apenas demonstrados, mas feitos. “Song of 1945” foi dançada nas ruas de Londres e esperança para uma reforma social que saudou a vitória sobre o nazismo prestadas em verso. “The Place called Choice”, escrito em 1950, é uma poesia mais pesada e introspectiva, pesado, pois não apenas prevê posteriores concurso de Thompson com “falsa filosofia”, mas dá evidências possíveis de um compromisso com o concurso de então. “E, finalmente, eu levanto a minha voz / Nos dentes do vento abundante / eu declaro que o homem tem escolha / Descoberto naquele lugar / da ação humana onde a Necessidade se encontra com o desejo / e mouros e questionantes ventos / Água, pedra e ar / transfigurado na alma, / Pode ser alterado para fogo humana / Que Homem, tornando-se todo / Ordenará e controlará”. Não há, talvez, nenhuma chamada para tocar o sino do presidente, porque o falante está sendo mal interpretado.

³⁸ Dona Torr, um dos membros fundadores da PCGB e amigo de muitos de seus líderes, incluindo Harry Pollitt, foi influência extremamente importante para Thompson (ele foi inicialmente encarregado de completar o primeiro volume de sua biografia de Tom Mann). Por um breve relato do Torr, ver RENTON, David. Opening the Books: The Personal Papers of Dona Torr. *History Workshop Journal*, n. 52, p. 236-245, Autumn, 2001.

³⁹ Ver Carta, E. P. Thompson para Raphael Samuel (1980), Arquivo Raphael Samuel.

contribuído para a derrota do fascismo. Em um “reply” às críticas de George Matthews ao seu artigo no *Daily Worker*, “Winter Wheat em Omsk”, que foi rejeitado para publicação pela burocracia do Partido, mas que mais tarde seria publicado no *The Reasoner*, Thompson afirmou que “o nosso Partido contém em suas fileiras muitos dos melhores representantes inteligentes, prontos para o autossacrifício em razão do corajoso povo britânico. Eu estou orgulhoso do que o nosso Partido fez pela classe operária britânica, para os povos coloniais, contra o fascismo e contra a ameaça de guerra. Eu respeito aqueles camaradas que deram o melhor de suas vidas para o Partido, mesmo quando eu penso que algumas de suas ações tenham sido erradas”.⁴⁰

Entre aquelas “melhores pessoas”, Thompson não teve dúvida em contar com seus irmãos, Caudwell, Torr e Fox, mas também aqueles militantes comunistas que se juntaram a ele na luta por paz e socialismo no West Riding. Uma boa parte da decisão de Thompson em permanecer no Partido tanto tempo, e uma explicação de por que ele sentiu inclinação em renunciar, tinha a ver com suas experiências políticas em Yorkshire no início da década de 1950.

“Eu estive no Comitê Distrital (do PCGB) por vários anos antes de 1956, em Yorkshire, e ele realmente foi uma das pessoas mais capazes com a qual eu já trabalhei. Era um comitê extraordinariamente impressionante, que tinham pessoas de todos os setores da indústria, da indústria do aço, da mineração, das docas, de costura e assim por diante. Eram todas pessoas capazes e dedicadas. Eu quero dizer, estas pessoas são autênticas representantes das tradições das classes operárias britânicas, como Marion Ramelson era filha de um vereador trabalhista, em Leeds, Howard Hill, o presidente, tinha sido um Conselheiro trabalhista, em Sheffield”.⁴¹

⁴⁰ THOMPSON, E. P. Reply to George Matthews. *The Reasoner*, n. 1, p. 14, jul., 1956.

⁴¹ WHITEHEAD, op. cit., 1991.

As tensões entre o Comitê de Paz de Halifax, ostensivamente uma organização de “frente-popular” e King St. (sede do Partido) estavam entre as razões mais importantes para o seu descontentamento com o comunismo britânico na década de 1950. No entanto, através de seu trabalho para o movimento da paz, e para o Partido, Thompson aprendeu muito sobre a organização para o socialismo.

Condenação moral era um aspecto da árvore genealógica de Thompson. A importância de uma crítica moral da civilização capitalista, e seu papel na construção de qualquer tipo de futuro socialista, era algo que Thompson tinha reforçado através de seu encontro com a vida e obra de William Morris.⁴² Intelectualmente, e politicamente, o encontro de Thompson com Morris no início da década de 1950 foi tão importante quanto seus encontros com Marx e Blake ou a sua experiência de guerra e luta popular na década de 1940. Além de tudo, foi uma reunião que colocou Thompson a seguir para mais longe no caminho da “oposição comunista democrática”. Questões de moralidade - a relação do Partido com o seu passado, o lugar da democracia no centralismo democrático; atenção aos princípios fundamentais, a relação entre a disciplina e a razão - estavam entre as questões cruciais que Thompson colocou diante da liderança do PCGB em 1956. De Morris, Thompson descobriu que os fins eram importantes, mas também a importância dos meios pelos quais esses fins podem ser alcançados: não poderia haver vida honesta, sem discussão aberta; nenhuma terra prometida, a menos que as promessas sejam feitas e mantidas; não há justiça enquanto interesses estiverem acima de tudo; e nenhum Partido comunista eficaz a não ser que comunistas estejam abertos a ambos meios de produção e história moral.

Apesar do prematuro revisionismo de *William Morris*, a oposição pública de Thompson às tendências principais dentro

⁴² Além de THOMPSON, E. P. *William Morris: Romantic to Revolutionary*. London: 1955. Ver também THOMPSON, E. P. William Morris and the Moral Issues Today. *Arena*, n. 2, jun. / jul., 1951.

do PCGB não emergiram até depois do “discurso secreto” de Krushev, em um artigo na *World News and Views*,⁴³ embora fosse evidente em correspondências anteriores com as principais figuras comunistas, tais como James Klugmann, James Cohen, e Bert Ramelson. No entanto, ao contrário do progresso do peregrino de Bunyan, a crítica de Thompson ao comunismo britânico ao longo de 1956 não o fez ser desligado do PCGB.⁴⁴ Quando ele entrou em contato com John Saville, um membro do Partido e historiador sobre o trabalho, empregado na Universidade de Hull, em abril de 1956, Thompson se viu deixando o Partido como uma “posição extrema”.⁴⁵ Não era justo que ele acreditasse que o Partido tivesse feito coisas boas e heroicas no passado (a luta contra o fascismo e o imperialismo) e no presente (a luta pela paz). Foi então que, em clima de guerra fria, a renúncia do comunismo instantaneamente foi interpretada como uma derrota para os valores socialistas universais.⁴⁶ Aqui, se inicia a origem dos problemas que pesaram à Thompson, temas como a quebra da solidariedade e a falta de unidade contra a honestidade intelectual consumiram grande parte de sua energia durante 1956. Sua decisão e de Saville de publicar um periódico de “oposição comunista democrática” era um lugar que ele acreditava poder dar continuidade à discussão entre a solidariedade e os princípios democráticos. Entretanto, a abordagem dessas discussões em *The Reasoner* estava destinada a salvar o Partido, não a miná-lo.⁴⁷

Três números da *The Reasoner* apareceram entre julho e

⁴³ THOMPSON, E. P. Winter Wheat in Omsk. *World News and Views*, p. 408-409, jun., 1956.

⁴⁴ Ver SAVILLE, John. *Memoirs from the Left*. London: 2003, para um relato do relacionamento de Thompson e Saville com o Partido entre março e novembro de 1956.

⁴⁵ Carta, E. P. Thompson para John Saville, 4 de abril de 1956, citada em SAVILLE, John. Edward Thompson, the Communist Party and 1956. *Socialist Register*. London: 1994, 23.

⁴⁶ THOMPSON, op. cit., 1994, p. 236.

⁴⁷ Ver The Editors. Taking Stock. *The Reasoner*, 1, p. 6, jul. 1956.

início de novembro de 1956.⁴⁸ Um “periódico de discussão” cujo objetivo era explorar a “crise da teoria” dentro do comunismo internacional e britânico, *The Reasoner* era simultaneamente um exemplo honesto da luta pela liberdade de imprensa e da instituição da crença de Thompson no valor do confronto dialético de opinião contrária. *The Reasoner* tomou sua posição com Marx e com a verdade.⁴⁹ Uma instância de crítica interna, Thompson e Saville apelaram para o bom funcionamento do centralismo democrático, as verdadeiras ideias de Marx e Engels, e o autêntico espírito do comunismo – o último intimamente associado, pelo menos na mente de Thompson, com uma tradição de radicalismo britânico. Mas *The Reasoner* teve uma série de objetivos práticos também, que incluía a convocação de uma conferência nacional especial dedicada às implicações do discurso de Khrushchev e ao estabelecimento de um novo periódico teórico nacional.

No entanto, foi rapidamente evidente que a liderança do Partido considerou a iluminação do verdadeiro espírito do Marxismo de *The Reasoner*, para não falar de exigências práticas de Thompson e Saville, uma instância de má fé.⁵⁰ De fato, a liderança do PCGB (oficialmente, havia pedidos não oficiais, desde o início) instruiu Saville e Thompson para cessar a publicação em

⁴⁸ Thompson e Saville tomaram emprestado o nome para a sua revista do diário de John Bone, que faz uma breve aparição em *A formação*, ver THOMPSON, op. cit., 1963. 497.

⁴⁹ The Editors. Why We Are Publishing. *The Reasoner*, n. 1, p. 3, jul., 1956.

⁵⁰ Após o primeiro número de *The Reasoner*, Saville e Thompson foram chamados para uma reunião do Comitê Distrital de Yorkshire do PCGB, onde foi sugerido que cessassem a publicação. Thompson e Saville se recusaram a fazer, até que tivessem a garantia de que “a discussão irrestrita” seria instituída na imprensa do Partido. Em seguida, foram chamados para uma reunião do Comitê Político do PCGB em 31 de agosto de 1956. Após esta reunião, eles receberam notificação oficial do Comitê Executivo do Partido que mais publicação resultaria em ação disciplinar (embora esse aviso fosse recebido depois que publicou o segundo número). Eles foram efetivamente avisados que sua participação como membros do Partido seria suspensa se continuassem a publicar os números de *The Reasoner*. Isto foi reiterado em uma nova reunião entre Thompson, John Saville e Gollan (Secretário Geral) e George Matthews (Secretário-Geral Adjunto), em outubro de 1956.

setembro de 1956, ocasionando uma onda de oposição à ruptura de *The Reasoner* com o centralismo democrático, ao lado de uma afirmação “legalista” de que a revista opositora constituía uma ruptura com as regras do Partido. A resposta de Thompson para as críticas que ele e Saville receberam foi contundente. Escrevendo para Klugmann em agosto de 1956, ele sugeriu que a liderança do PCGB tinha lido no “periódico coisas que não estavam lá, o que desencadeou uma série de inativas respostas stalinistas em você e fez saltar todas as velhas contendas, rotulando-o de trotskista, espião da polícia, inimigo da classe operária, [...], e assim por diante. Mas você vê, essas coisas existem em suas próprias mentes, não na *Reasoner*.”⁵¹

Contudo, após a publicação do segundo número de *The Reasoner*, em setembro, e após novas reuniões com a hierarquia do Partido, Thompson e Saville estavam dispostos a suspender a publicação do periódico, com algumas condições, para o bem da unidade.⁵² O segundo número do *The Reasoner* continha uma declaração refutando a resolução do Comitê Executivo do PCGB, exemplificando a própria má-fé do Partido, particularmente sua incapacidade de abrir qualquer parte da imprensa comunista à opinião oposta. Thompson e Saville, consideraram pedir demissão do Partido e manter o *The Reasoner* como uma publicação extrapartidário, mas finalmente decidiram que isso seria oferecer aos stalinistas no Partido “um gol livre”.⁵³ No evento, eles foram em frente com o terceiro número (desde o início planejado como o volume final), dispostos a arriscar a suspensão, mas ainda na causa da reforma comunista. Como a questão era colocar a copiadora para funcionar, tanques do Exército Vermelho entraram

⁵¹ Carta, E.P. Thompson para James Klugmann e Jack Cohen (ago. 1956), CP/CENT/ORG/18/03, CPGB Archives.

⁵² Ver Carta, E. P. Thompson para Howard Hill (20 ago. de 1956), CP/CENT/ORG/18/3, CPGB Archives.

⁵³ Carta, E. P. Thompson para Howard Hill (9 nov. de 1956), CP/CENT/ORG/18/03, CPGB Archives.

em Budapeste anulando uma revolta contra a influência soviética.⁵⁴ Nessas condições, Thompson e Saville acreditavam que o único caminho honesto aberto para eles era a ruptura.⁵⁵ Iniciado como uma tentativa de reformar o Partido, o *The Reasoner* foi o meio pelo qual Thompson e Saville trabalharam para que o Partido não pudesse ser reformado – um exemplo, talvez, de como as aspirações e a vontade consciente de agentes voluntários podem produzir consequências não intencionais.⁵⁶

2

De várias formas, Thompson se manteve sempre perplexo, sempre ressurgente, em parte vítima, em parte agente de 1956, voltando de novo e de novo para “as consequências das consequências” associados a esse ano. Após a Hungria, ele não abandonou sua crença de que o marxismo e o socialismo revolucionário poderiam ser renovados,⁵⁷ nem renunciou a sua ambição de reavaliar princípios socialistas básicos, algo com o qual o *The Reasoner* estava embaraçosamente comprometido. Mas, como isso era para ser alcançado, não era óbvio nos primeiros meses de 1957. Certamente, Thompson tinha a intenção de manter a “oposição comunista democrática” em

⁵⁴ Esse número do *The Reasoner* incluiu o ensaio de Thompson “Through the Smoke of Budapest”, um inequívoco ataque sobre a invasão soviética da Hungria e uma inequívoca mensagem de solidariedade para os dissidentes comunistas na Polônia e na Hungria. Significativamente, essa peça também incluiu uma citação de cartas do tempo de guerra de seu irmão.

⁵⁵ Ver Editorial. *The Reasoner*, n. 3, nov., 1956. Esse editorial terminou com uma série de exigências, incluindo a exigência para o PCGB dissociar-se das ações soviéticas na Hungria. “Se essas exigências não forem atendidas,” os editores prosseguiram, “pedimos a todos aqueles que, como nós, iremos dissociar-nos completamente da liderança do Partido Comunista Britânico, para não perder a fé no socialismo, e para encontrar maneiras de manter-nos juntos. Nós prometemos aos nossos leitores que vamos consultar outras pessoas sobre a formação inicial de um novo periódico socialista.”

⁵⁶ Ver THOMPSON, E. P. op. cit., 1978, p. 87.

⁵⁷ Ver Carta, E. P. Thompson para Raphael Samuel, (sem data mas provavelmente do final de 1956 ou início de 1957), Raphael Samuel Archive.

conjunto, especialmente em Yorkshire, que tinha sustentado o *The Reasoner*, e alguma extensão desse periódico parecia-lhe a base institucional mais adequada sobre a qual continuaria a discussão entre os socialistas britânicos desiludidos com o comunismo e a democracia social. Aqui está a origem simples do *The New Reasoner*, editado por Thompson, junto com Saville, em debate próximo com Ken Alexander e outros – um periódico de “comunismo libertário”, que apareceu dez vezes entre 1957 e 1959.⁵⁸ Mas a questão da organização – a forma como o *The New Reasoner* e aqueles intimamente associados a ele puderam interagir com o movimento trabalhista mais amplo – manteve-se mal definido e como uma questão para disputa.⁵⁹

Várias soluções para o problema organizacional foram debatidas, embora pareça, no início, que Thompson não tinha intenção de usar o *The New Reasoner* como base de agitação de um “novo Partido de esquerda”, muito menos como fonte de um novo movimento social.⁶⁰ Entre as soluções mais comuns

⁵⁸ A melhor visão geral do *The New Reasoner* pode ser encontrado em PALMER, Bryan D. *Reasoning Rebellion: E. P. Thompson, British marxist historians, and the making of dissident political mobilization. Labour/Le Travail*, 50, p. 187-216, 2002.

⁵⁹ Havia um grupo do *The New Reasoner*, cujas bases eram aquelas intimamente associadas com o *The Reasoner*. No núcleo do grupo estavam os Thompsons, Saville, Alexander e Chris Freeman e, um pouco mais tarde, Peter Worsley, Ronald Meek, Ralph Miliband, Mervyn Jones, e John Rex. Anexado a esse núcleo estava uma associação mais ampla composta por pessoas como Lawrence Daly, Alfred Dressler, John Hughes, Malcolm McEwen, John St. John, Doris Lessing, Randall Swingler, Roy Harrison, Paul Hogarth, Harold Silver, John Horner, Henry Collins, Bert Wynn, Vi Wallis, Dorothy e Joe Greenald, Tim Enright, Harry Hanson, e muitos outros.

⁶⁰ Ver Carta, E. P. Thompson para Ken Alexander (22 jan. de 1957), DJS/107, John Saville Papers, Univerasity of Hull Library, University of Hull. Thompson colocou desta forma: “Uma vez que a maioria dos ex-responsáveis CPERS estão olhando na direção do L. P. ou já aderiram, obviamente que é presumível falar nesse estágio de qualquer coisa como um Partido “Marxista” do outro lado. Eu não gosto do trabalho de organizar 300 retardatários de Bromley para Cheltenham, com a Liga de Trabalhadores de McGinn e guerrilheiros marxistas de McShane como bônus”.

oferecidas para o problema organizacional, está a criação de uma “sociedade de discussão marxista nacional”, que seria dedicada, essencialmente, para publicações e debate.⁶¹ Em uma associação com a SIES (Sociedade Internacional para Estudos Socialistas) de GDH Cole foi seriamente discutida; a perspectiva de uma “conferência nacional” para que ex-membros do PCGB e simpatizantes de negociações sindicalistas e membros do Partido Trabalhista fossem convidados também foi considerada. Entretanto, foi uma questão do Partido Trabalhista que dominou as primeiras discussões na organização entre os “New Reasoners”, uma questão que tinha consequências tanto teóricas quanto práticas. Thompson admitiu – ou melhor, lamentou – que a maioria dos antigos comunistas acabaria ingressando no Partido Trabalhista. Mas ele tinha muito menos confiança nas rotinas da democracia social britânica do que outros, apesar do fato de que ele estava disposto a trabalhar ao lado de importantes figuras da esquerda trabalhista e usar suas influências.⁶²

Outra solução organizacional possível surgiu sob a aparência do movimento Fórum Socialista. Fundado por um grupo de ex-comunistas e trotskistas, logo após a invasão soviética na Hungria, Thompson e outros provenientes do *The New Reasoner*, particularmente Alexander e Lawrence Daly, tinham associações estreitas com o Fórum desde o início.⁶³ Aclamado como o representante de um verdadeiro mosaico de opiniões socialistas

Carta, E. P. Thompson para Ken Alexander (23 jan. de 1957), DJS/107, Saville Papers.

⁶¹ Ver Carta, E. P. Thompson para Ken Alexander e John Saville, sem data (muito provavelmente do final de 1957), DJS/107, Saville Papers.

⁶² Carta, E. P. Thompson para Ken Alexander (21 jan. de 1957), DJS/107, Saville Papers.

⁶³ Thompson participou de uma conferência convocada pelo Fórum Socialista de Sheffield em Leeds em 20 de janeiro de 1957, onde ele apresentou um relatório sobre os que tinham deixado o Partido Comunista e suas atividades políticas. ver MSS 302/3/11, Lawrence Daly Papers, Modern Records Center, University of Warwick.

e instituído para estabelecer ligações com os soldados rasos do movimento sindical nos locais de produção industrial, as principais luzes guias do Fórum incluíram Peter Fryer, Michael Segal, e Roy Harrison.⁶⁴ Um informativo e um jornal – *Forum: Journal of the Socialist Forum Movement* – foram fundados, bem como Fóruns em Londres, Sheffield, Nottingham, Halifax, Hull, e em outros lugares. Thompson falou sobre “humanismo socialista” em uma reunião em março no Fórum Socialista de Londres, no auditório Holborn Hall (onde, o PCGB alegou, 500 pessoas estavam presentes),⁶⁵ e participou de uma Conferência Nacional do Fórum em Wortley Hall, Sheffield, na primavera de 1957.⁶⁶ Disposto a ser uma parte de tais empreendimentos, Thompson, no entanto, não tinha muitas esperanças de sucesso, até porque ele acreditava que suas ambições ultrapassavam realidades socialistas. Suas hesitações estavam bem fundamentadas. Em razão de uma combinação de falta de verbas e falta de interesse, o Fórum foi fechado no final de 1957. Do Fórum, Thompson levou a lição de que para criar qualquer organização industrial ou política fora dos Partidos comunistas e trabalhistas, seria necessário uma política e uma teoria de longo prazo.⁶⁷

Uma resolução definitiva para a questão organizacional, e como ela se relacionava com as questões da teoria socialista, escapava de Thompson durante os primeiros anos de *The New Reasoner*. Ele estava pouco à vontade com a ideia de criar uma

⁶⁴ Ver Editorial. *Forum: Journal of the Socialist Forum Movement*, 1, jul./set., 1957.

⁶⁵ Ver London Socialist Forum, Holborn Hill 15/3/57, CP/CENT/ORG/12/11, CPGB Archives. O “espião” do Partido Comunista também informou que “Thompson e particularmente Saville não [são] líderes políticos (na própria admissão ... Saville e Thompson andam juntos como Marks and Spencer ...).

⁶⁶ Ver Conference in Wortley Hall April 27/28, CP/CENT/ORG/12/11, CPGB Archives.

⁶⁷ Ver Carta, E. P. Thompson para “Brethren” [Saville e Alexander] (sem data, mas muito provavelmente do verão de 1957), DJS/107, Saville Papers, que relata alguns dos pensamentos de Thompson sobre o movimento do Fórum.

“sociedade de marxistas ou militantes socialistas, preocupado apenas com publicações e discussões teóricas”,⁶⁸ o que, porém, seria fácil de fazer. Ele se preocupava, sobretudo, com a perda de contato com as pessoas que chamava de “pragmáticos” – esses militantes políticos e industriais, como Dorothy e Joe Greenald, Norman Berry, Jim Roche, Bert Wynn e Vi Wallis, com quem ele havia se encontrado nos “longos quilômetros de trabalho de organização prática em Halifax e West Riding”.⁶⁹ Mas uma “organização de ação”, acreditava ele, chamaria outros problemas não menos importantes, como a tendência para o sectarismo e uma possível proibição sobre questões teóricas. A questão para ele foi: “podemos formar uma sociedade que não nos faça uma seita, que não nos isole do movimento operário, que não se torne tão divorciada da propaganda e da ação (discussão de política) a ponto de perdemos essas ligações (industriais e políticas) e essas pessoas (os “pragmáticos”), e que ao mesmo tempo não signifique submergir nossa teoria nos expedientes e lutas de facções do Partido Trabalhista?”⁷⁰ A reflexão sobre essas questões informou todas as suas primeiras publicações pós-Hungria.⁷¹

“Minha opinião”, Thompson escreveu para Alexander, no início de 1957, “é que é muito simples pensar que, ingressando em um Partido Trabalhista, ao mesmo tempo estaria ingressando em uma corrente principal de um movimento de massas”.⁷² Além de sua convicção de que uma energia socialista muita boa tinha sido desperdiçada ao procurar “transformar” o Partido Trabalhista começando de dentro, ele também pensava que a “propaganda

⁶⁸ Carta, E. P. Thompson para Ken Alexander (23 jan. de 1957), DJS/107 Saville Papers.

⁶⁹ Carta, E. P. Thompson para Ken Alexander (22 jan. de 1957), DJS/107, Saville Papers.

⁷⁰ Ibidem.

⁷¹ Em particular, THOMPSON, E.P. Socialism and the Intellectuals. *Universities and Left Review*, n. 1, p. 31-36, Spring, 1957.

⁷² Carta, E. P. Thompson para Ken Alexander (23 jan. de 1957), DJS/107, Saville Papers. Ver também E. P. Thompson, “Socialism and the Intellectuals”.

socialista honesta é contrariada pelos programas oficiais e políticas do Partido”.⁷³ Em qualquer caso, ele não tinha nenhuma ambição de renunciar suas origens comunistas dissidentes e se transformar em algum social-democrata de esquerda trabalhista envergonhado de seu passado revolucionário.⁷⁴ Ele encorajou aqueles associados ao *The New Reasoner* para ficarem livres das lutas internas trabalhistas, agindo com uma influência mais “subterrânea” através da propagação de ideias socialistas, embora estas não sejam divorciadas dos interesses práticos imediatos de militantes socialistas. Escrevendo após a conferência do Partido Trabalhista de 1957, no entanto, admitiu estar “perplexo e deprimido” com a questão organizacional: “não há liderança em que se confiar ou organização em que se pode trabalhar entusiasticamente. Em tal atmosfera, facções podem crescer por um lado, e pessoas abandonadas por outro: como diabos, alguém pode recrutar jovens para serem socialistas hoje e *para que* os recrutam?⁷⁵ A única esperança para o avanço socialista, acreditava ele, era uma “ameaça eleitoral apresentada à esquerda do Partido Trabalhista oficial”.⁷⁶

Lawrence Daly e sua Liga Socialista de Fife deve ter aparecido para Thompson, então, como uma oferenda dos deuses socialistas. Um mineiro de West Fife, diretor da União Nacional de Mineiros, Daly tinha renunciado ao PCGB em junho de 1956; ele contribuiu para o *The Reasoner* e desempenhou seu papel naquelas discussões que levaram à formação do Fórum Socialista e também de *The New Reasoner*. Sua resposta à crise do comunismo internacional foi contestar tanto o PCGB quanto o Partido Trabalhista pelo caminho eleitoral, como um socialista independente, seja através de sindicato, conselho ou eleição

⁷³ Carta, E. P. Thompson para Ken Alexander (23 jan. de 1957)

⁷⁴ Carta, E. P. Thompson para John Saville (2 abr. de 1958), DJS/107, Saville Papers.

⁷⁵ Carta, E. P. Thompson para Lawrence Daly (8 out. de 1957), MSS/302/3/12, Daly Papers.

⁷⁶ Ibidem.

nacional. Depois de já ter garantido um lugar no Conselho do Condado em Ballingry, em agosto de 1959, ele anunciou sua intenção de disputar as próximas eleições gerais, oferecendo precisamente o tipo de “atividade guerrilheira eleitoral”⁷⁷, a qual Thompson acreditava ser crucial para o avanço socialista.⁷⁸ O entusiasmo de Thompson para a campanha de Daly era ilimitado e prático, mesmo que nem todos aqueles pertencentes ao *The New Reasoner* compartilhassem seu otimismo. Previsivelmente, a tentativa de eleição de Daly não foi bem sucedida, mas Thompson adquiriu muita experiência: “Falamos muito sobre as potencialidades dos trabalhadores, em abstrato, mas aqui [em West Fife] pude sentir concretamente, e isso me adicionou fé no real significado e na força do socialismo, quando vi as pessoas agindo por/para si mesmas a partir de baixo”.⁷⁹

Entretanto, Thompson geralmente preferia que sua política fosse extraparlamentar. “Temos que romper”, escreveu em 1957, “com os conceitos fechados do Partido constitucional de organização política e tentar restabelecer a tradição aberta do século XIX (em seu melhor), onde não um Partido, mas todo o povo foi tomado como arena: grupos de pressão e plataformas formadas em torno de questões específicas urgentes; a propaganda realizada no meio do povo como um todo; e a pressão incessante e direta exercida sobre o Parlamento”.⁸⁰ Thompson não era um profeta, mas aqui teve uma visão antecipada de Campanha para o Desarmamento Nuclear (CND), que estourou em todo o cenário político britânico no final de 1950, ganhando força

⁷⁷ Carta, E. P. Thompson para John Saville (2 abr. de 1958), DJS/107, Saville Papers.

⁷⁸ Carta, E. P. Thompson para Lawrence Daly (17 ago. de 1959), MSS 302/3/12, Daly Papers

⁷⁹ Carta, E. P. Thompson para Lawrence Daly (11 out. de 1959), MSS 302/3/12, Daly Papers. As reflexões de John Saville sobre Daly e a campanha de 1959 de Daly podem ser encontradas em *Memoirs from the Left*, p. 120-122.

⁸⁰ THOMPSON, E. P. Socialism and the Intellectuals: A Reply. *Universities and Left Review*, n. 2, p. 2, Summer, 1957.

nas anuais marchas de Aldermaston, inauguradas em 1958.⁸¹ Já um veterano das campanhas de paz no norte da Inglaterra, Thompson foi imediatamente encorajado pela consciência política que gerou, e sustentou a Campanha.⁸² No entanto, ele também guardava reservas. A CND, em sua opinião, não foi longe o suficiente: “O intransigente ‘humor Aldermaston’ de protesto moral contra as energias infernais de guerra”, ele e Saville escreveram no *The New Reasoner*, “deve ser acompanhado de uma perspectiva internacionalista crescente que compreenda o peso da responsabilidade dos eventos sobre o povo britânico, e que antecipe o tipo de diplomacia neutralista e ativista, que é um complemento necessário ao desarmamento nuclear”.⁸³

Paz era o ponto em que a “teoria” de transição socialista de Thompson transformou após 1956. Internamente, ele era ambíguo sobre o Partido Trabalhista, mas ele também reconheceu o Partido Trabalhista, devidamente transformado, como o veículo institucional mais provável da transformação socialista. Aqui, em associação com a propagação das ideias socialistas nos pontos de produção, como o *The New Reasoner*, ele imaginou ameaças eleitorais da esquerda e dos movimentos populares, como a CND, em vez de membros do Partido, como o melhor meio de abalar os trabalhistas fora de sua burocrática e corrupta letargia trabalhista. Internacionalmente, e concentrando iniciativas independentes como as promovidas pela Iugoslávia e pelos poderes de Bandung, ele acreditava que as circunstâncias eram tais que a Grã-Bretanha – com um movimento

⁸¹ Sobre o CND, ver TAYLOR, Richard. *Against the Bomb: The British Peace Movement, 1958-65*. Oxford: 1988.

⁸² Ver THOMPSON, E. P. NATO, Neutralism and Survival. *Universities and Left Review*, 4, p. 49-51, Summer, 1958. Para os antigos comentários de Thompson na CND.

⁸³ Editorial. *The New Reasoner*, n. 5, p. 2, Summer, 1958. Há uma discussão da relação de Thompson para a CND em VELDMAN, Meredith. *Fantasy, the Bomb, and the Greening of Britain: Romantic Protest*. Cambridge, 1999. p. 185-197.

operário comprometido com o desarmamento unilateral e a retirada da OTAN – estava em melhor posição para desbloquear a mente e as algemas militares da estase da Guerra Fria. “Seria uma política construtiva”, escreveu Thompson para Saville em uma iluminação precoce de neutralismo positivo, “nas linhas que sempre esteve implícito, mas não explicitado: uma política que rompe com a pretensiosa linha Fryer de esperar por uma revolução Russa, com os trabalhistas ortodoxos da OTAN e a santidade da linha de aliança dos EUA, e com a demagógica linha do ‘Tribune’ (dessa semana) de ‘vamos lá, rapazes, vamos todos trabalhar para fazer Aneurin [Bevin] Ministro dos Negócios Estrangeiros e confiar nele’”. “É especialmente uma política”, disse ele, “a ser transmitida pelos *Reasoners*, uma vez que iria aliviar as pressões que sustentam o stalinismo na Alemanha Oriental, na URSS etc.”.⁸⁴

Houve alguma ambiguidade em torno das reflexões de Thompson sobre a questão organizacional depois de 1956, pelo menos não em relação ao Partido Trabalhista. O que foi inequívoco sobre o pensamento político de Thompson durante os anos após 1956 foi seu total compromisso com o socialismo como uma alternativa completa ao capitalismo. Thompson não deu espaço ao reformismo social-democrata. Apoiando-se na “crítica moral da sociedade” de Morris e de Blake, o ataque de Thompson sobre o capitalismo era de longo alcance, considerando moralidade tanto quanto economia. O capitalismo, segundo ele, não apenas frustrou “grandes potenciais humanos”, mas também criou uma sociedade caracterizada pela “tirania mental e moral”.⁸⁵ Enquanto isso, o socialismo, na sua opinião, não tinha muito a ver com o Partido Trabalhista e tudo a ver com a organização política de baixo da classe operária. Não havia mais ambiguidade sobre suas convicções internacionalistas também. Ele viu a promoção de

⁸⁴ Carta E. P. Thompson para John Saville (31 mar. de 1958), DJS/107, Saville Papers. Ver os editoriais “Beyond the Bomb” e “Can We Have a Neutral Britain” em *The New Reasoner*, n. 4, Spring, 1958.

⁸⁵ JESSUP, W.P. [E. P. Thompson]. The Making of London. *The New Reasoner*, n. 3, p. 68, Winter, 1957.

“intercâmbios entre nós [intelectuais socialistas] e intelectuais em todos os países comunistas”⁸⁶ como sua primeira tarefa nos meses após o ocorrido na Hungria, enquanto sua noção de transição socialista baseou-se na criação de uma “nova internacional”, envolvendo socialistas democráticos no Ocidente, comunistas revisionistas no Leste e anti-colonialistas no Sul. Na era nuclear, ele supôs, socialismo em um só país não fazia sentido.

3

Thompson não cedeu à busca de soluções organizacionais para sua realidade experimental particular, e ele se recusou a abstrair seu pensamento sobre o socialismo e história das questões práticas encarando o movimento socialista. Isso não era menos importante, porque ele acreditava que era através da organização política que a classe operária alcançaria a “realização humana”.⁸⁷ Não menos para Thompson do que para Raymond Williams, as instituições do movimento operário eram centros de atividade criativa, contribuições fundamentais para o estabelecimento de uma cultura verdadeiramente humana.⁸⁸ No final, entretanto, ele acreditava que poderia dar seu melhor naquela cultura através da propagação, no sentido de Morris, de ideias socialistas. No enalço da desordem organizacional do início de 1957, e o fracasso do Fórum Socialista, ele escreveu para Saville que “a nossa principal missão agora é fazer um bom periódico que conte como um jornal, o qual as pessoas não podem deixar de ler”.⁸⁹ Nos seus termos, a ideia era produzir a munição socialista que outros socialistas, em outros pontos de produção, moldariam em estratégia, política e fogo.

⁸⁶ THOMPSON, op. cit., 1957. p. 22.

⁸⁷ THOMPSON, E. P. Commitment in politics. *Universities & Left Review*, n. 6, p. 55, Spring, 1959.

⁸⁸ WILLIAMS, Raymond. *Culture and Society: 1780-1950*. New York: 1983, (org.), 1958. p. 327.

⁸⁹ Carta, E. P. Thompson para John Saville (1958), DJS/107, Saville Papers.

Além de uma intenção inicial para estabelecer um “novo e vital movimento de ideias”,⁹⁰ não houve consenso no início (entre os Thompsons, Saville, e Alexander) sobre que tipo de periódico o *The New Reasoner* deveria ser. A visão de Thompson para o periódico foi inventada em partes iguais pelas preferências de tom, audiência, e ambição. Respondendo ao desejo de Saville da revista nutrir um “público intelectual respeitável”, Thompson escreveu que “a principal coisa que eu quero nesse periódico é o ataque: e eu quero que especialistas escrevam de maneira que não especialistas não só possam entender o que eles querem dizer, mas (se o assunto assim o exigir) possam ser estimulados, provocados ou movidos por aquilo que eles dizem. Isto NÃO é a tradição aprendida ou acadêmica: é a tradição de certo tipo de jornalismo político-cultural (Swift e Hazlitt) na Grã-Bretanha”.⁹¹ Thompson queria que *The New Reasoner* tivesse uma “frente pública”, para sua polêmica ser direcionada além do horizonte dos paridos, e para seu trabalho ser realizado sem preocupação com questões de conveniência política.⁹² Ele queria artigos de política, polêmica e engajamento que explorassem princípios socialistas básicos “fora do quadro ortodoxo de referência comunista ou trabalhista ortodoxa de esquerda”.⁹³

⁹⁰ Algo como um acordo geral sobre o propósito do *The New Reasoner* foi definida por Saville em uma carta para Ted Bramley em 1958: “estamos todos de acordo que, o que é necessário é um novo e vital movimento de ideias, para fornecer um quadro geral dentro do qual a esquerda, tão fragmentada e dividida contra si mesma, pode começar a alcançar consenso intelectual como um preliminar reagrupamento político. A coisa terrível que aconteceu na última década é que a esquerda, pela primeira vez desde a década de 1880 perdera o seu dinamismo. É a direita que tem feito o seu dever de casa intelectual, e produzido as ideias, e não a esquerda, e eu não consigo me lembrar de nenhuma situação comparável”. Ver Carta, John Saville para Ted Bramley, 10 abr. de 1958, DJS/109, Saville Papers.

⁹¹ Carta, E. P. Thompson para John Saville (9 jan. de 1957), DJS/107, Saville Papers.

⁹² Carta, E. P. Thompson para Saville/Alexander (1957), DJS/107, Saville Papers.

⁹³ Carta, E. P. Thompson para John Saville (31 mar. de 1958), DJS/107, Saville

Havia uma boa dose de prática política e preocupação para a posteridade sobre as ambições de Thompson para *The New Reasoner*. Cada um, a partir de lados diferentes da mesma moeda, fornece uma explicação porque Thompson estava tão determinado a manter o periódico livre de intervenção direta nos debates do Partido Trabalhista. Essa não era uma questão de purismo político por parte de Thompson, e ele pretendia, totalmente, que o *The New Reasoner* tivesse uma influência sobre as instituições tradicionais do movimento operário. Contudo, ele acreditava que a assimilação da política do *The New Reasoner* para as rotinas convencionais da social-democracia forneceria a singularidade e influência potencial, do vazio no jornal. O *The New Reasoner*, Thompson acreditava, “deve ser tanto mais amplo e mais estreito do que qualquer facção política; mais estreito na precisão da sua apreciação teórica, análise e polêmica; mais ampla, no sentido de unir as pessoas com base nessa análise, essa visão da vida, mas não com base em táticas de alinhamentos políticos”.⁹⁴ Em sua opinião, o periódico seria algo como uma versão escrita da CND, seus artigos alargados com a lama de questões fundamentais do socialismo, suas intervenções levantando bandeiras preocupadas com as relações humanas básicas, e seu espírito insuflado com o companheirismo derivado das preocupações morais comum de sobrevivência e prosperidade.

No entanto, Thompson também poderia ser ambíguo em relação ao propósito da revista. Ele imaginou *The New Reasoner* como um “periódico intelectual socialista,” preocupado com questões político-culturais, embora não com a exclusão de assuntos econômicos e industriais. *The New Reasoner*, segundo ele, estava “interessado em teoria socialista no sentido mais amplo, na realização de análise, informação, e assim por diante –, mas não em quebrar essa teoria, essa análise, em termos de prática política – como regra geral”.⁹⁵ Nesse sentido, ele

Papers.

⁹⁴ Carta, E. P. Thompson para John Saville (sem data, mas do final de 1957), DJS/107, Saville Papers.

⁹⁵ Carta, E. P. Thompson para John Saville (1958), DJS/107, Saville Papers.

poderia descrever *The New Reasoner* como um “periódico de ideias” e não um “periódico político”.⁹⁶ Existe sentido de que as disputas do PCGB, não menos do que os trabalhistas, tinham deixado Thompson cansado com “política”, e que ele estava mais interessado no *The New Reasoner*, lutando com perguntas socráticas básicas – “de por que somos socialistas e para que estamos trabalhando”⁹⁷ – através da escrita criativa. Ele preferia um poema ou um conto para uma discussão aprofundada do movimento operário francês, uma contribuição de Doris Lessing, em vez de algo a partir de Michael Foot. Havia algo sobre Morris nessas escolhas. No entanto, em outros momentos, ele poderia descrever a necessidade do *The New Reasoner* “montar perguntas muito difíceis de política, e apresentar repetidamente os pontos de unidade política”,⁹⁸ e ele podia lamentar o fato de que o periódico foi abjurar “grandes questões políticas”, levando as pessoas a imaginar o *The New Reasoner* como “distante, acima da luta”.⁹⁹ Contudo, através de tudo isso, seja discutindo questões socráticas ou a nacionalização de aço, ele imaginou o *The New Reasoner* como “um agente ativo na mudança de ideias e na mudança das pessoas hoje”.¹⁰⁰

Aqui, então, era a fonte da ênfase que Thompson colocou no desenvolvimento de *afirmações* no *The New Reasoner*. A palavra aparece repetidamente em seu trabalho publicado e em sua correspondência com outros participantes de *The New Reasoner*. Entre as mais importantes, tanto política e teoricamente, dessas afirmações foi o papel de “agência humana

⁹⁶ Carta, E. P. Thompson para John Saville (31 mar. de 1958), DJS/107, Saville Papers.

⁹⁷ Carta, E. P. Thompson para John Saville (31 de Dezembro de 1957), DJS/107, Saville Papers.

⁹⁸ Carta, E. P. Thompson para Raphael Samuel (início de 1957).

⁹⁹ Carta, E. P. Thompson para Ken Alexander e John Saville, (sem data, mas provavelmente do final de 1957), DJS/107, Saville Papers.

¹⁰⁰ Carta, E. P. Thompson para John Saville, (sem data mas em algum momento no início de 1957), DJS/107, Saville Papers.

consciente na construção da história”.¹⁰¹ “Nós devemos afirmar”, escreveu ele no início de 1957, “que a política se preocupa com mais do que a lubrificação e manutenção de uma máquina econômica. Devemos afirmar o pensamento que é central para o socialismo – e que, acima de tudo, deve unir intelectuais e a classe operária em uma causa comum – que o homem é capaz não só de mudar suas condições, mas também de transformar a si mesmo”.¹⁰² A agência estava relacionada a uma série de outras palavras-chave no discurso político de Thompson – amor, desejo, experiência, escolha e imaginação moral, todos interessados e ligados ao básico “por quê” das questões do socialismo, e tudo removido do determinismo histórico do marxismo “ortodoxo” e do modelo “base-superestrutura”. “Socialismo”, escreveu ele em sua primeira contribuição para *The New Reasoner*, “é a expressão da necessidade do homem pelo seu semelhante, seu ser social indivisível, e, portanto, ele deve encontrar expressão no amor, mesmo quando alcançada somente através das dores do ódio e conflito de classe”.¹⁰³

O amor estava entre as definições de comunidade socialista de Thompson. Em seus escritos pós-1956, Thompson se opôs repetidamente à “ética da comunidade” do socialismo e à “ética da sociedade aquisitiva atomizada”, característica da economia política ortodoxa, uma oposição que ele tomou emprestado não apenas de Morris e Blake, mas a partir de Marx e do movimento operário britânico. Ele não imaginava uma renovação dessa ética como um produto da mudança socialista, mas como entre seus mais importantes precipitantes. Nem imaginava que estava contido em rendições nostálgicas da “velha comunidade da classe operária”, como aquelas que tinham ganhado circulação de moeda em *The uses of literacy* de Richard Hoggart.¹⁰⁴ Essa foi uma ética

¹⁰¹ THOMPSON, E. P. Socialist Humanism. A Epistle to the Philistines. *The New Reasoner*, n. 1, p. 115, Summer, 1957.

¹⁰² THOMPSON, op. cit., 1957. p. 36.

¹⁰³ THOMPSON, op. cit., 1957. p. 128.

¹⁰⁴ THOMPSON, op. cit., 1959. p. 53-54.

para ser vivida agora, e vivida através da construção do socialismo com os outros. Era para ser imaginado, principalmente em termos de organização política. “Há 150 anos”, ele disse, “a minoria política (dentro das organizações da classe operária) tem sido a portadora das aspirações da maioria; tem sido o ponto em que o ideal difuso de comunidade veio a uma expressão eficaz”.¹⁰⁵ A fim de renovar a comunidade socialista, afirmações, ambos de um tipo de conceitual e organizacional, eram necessários, e Thompson acreditava que *The New Reasoner* era um lugar importante que onde poderiam ser feitas.

4

The New Reasoner não começou como um periódico da *New Left*. Em certo sentido, a *New Left* foi imposta a ele em algum momento de 1958.¹⁰⁶ Quando Thompson primeiro tomou conhecimento da *New Left*, explicou-o como um estado de espírito, em vez de um movimento político e social com as teorias definitivas, instituições e ambições.¹⁰⁷ Embora simpático à sua estrutura de sentimento, e, apesar de defender claramente sua causa, Thompson inicialmente se distanciou da *New Left*, imaginando-a como uma “consciência política” característica de uma geração intocada pela guerra, campos de concentração, e pelo stalinismo. Foi só quando ele pudesse assimilar essa consciência para o seu próprio comunismo dissidente que ele poderia falar em termos de “nós” em vez de “ele” (e isso no espaço do mesmo artigo), embora a assimilação fosse raramente livre de atrito.¹⁰⁸ Logo no início, Thompson comemorou a resistência do movimento para “liderança” e as rotinas de “política”. Mas, mesmo nesse primeiro fluxo de entusiasmo da *New Left* ele sugeriu que “uma minoria ativa de socialistas convictos” deve dirigir a

¹⁰⁵ Ibidem. p. 53.

¹⁰⁶ Ver Letter to Our Readers. *The New Reasoner*, n. 6, Autumn, 1958.

¹⁰⁷ THOMPSON, E. P. The New Left. *The New Reasoner*, n. 9, p. 1-17, Summer, 1959.

¹⁰⁸ THOMPSON, op. cit., 1959. p. 7-10.

“propaganda e educação do socialismo”, e fala da necessidade de “transpor do debate difuso para a organização política”.¹⁰⁹ Sem essa “minoria ativa”, e sem “organização política”, não havia esperança, acreditava ele, “de construir uma sociedade socialista democrática nesse país”.¹¹⁰ Foi sob a pressão desse estado de espírito, e por causa de outras questões mais enfadonhas, que foi tomada a decisão de fundir o *The New Reasoner* com a *Universities and Left Review* em 1958 para criar um novo periódico, a *New Left Review*.¹¹¹ Thompson foi uma força motriz por trás da fusão, e como membro do editorial executivo do periódico, ele desempenhou um papel formativo no projeto da *New Left Review*, apesar de Stuart Hall, ex-coeditor da *Universities and Left Review*, foi escolhido como editor do periódico. No seu início, Thompson imaginou o periódico como um intermediário entre dois tipos diferentes de vozes, cada um de igual importância para um movimento socialista. Por um lado, uma voz absorva na atividade política imediata, respondendo a acontecimentos, e uma voz mais distante, por outro lado, preocupado não apenas com questões intelectuais, mas com questões de responsabilidade política.¹¹² Thompson esperava que a *New Left Review* pudesse orquestrar um movimento político crescente, no mínimo, através dos clubes da *New Left* ligados à *Review*, fornecendo um centro que não se limitou a informar ou responder às tendências políticas, mas que pudesse iniciar e liderá-los.

Thompson montou o que ele considerava um cavalo rebelde, durante os primeiros anos da *New Left*. Essa rebeldia se refletiu na desigualdade de suas contribuições para a *New Left Review* e *Out of Apathy*, a primeira coletânea da *New Left Review*. Por

¹⁰⁹ THOMPSON, E. P. A Pessay in Ephology. *The New Reasoner*, n. 10, p. 5, Autumn, 1959.

¹¹⁰ Ibidem. Para uma breve história e historiografia da *New Left*, ver o meu *The New Left, National Identity and the Break-Up of Britain*, 1-25.

¹¹¹ Ver “Background to Merger Question”, DJS/51, Saville Papers.

¹¹² Ver Carta, E. P. Thompson para Stuart Hall (set. de 1959), DJS/112, Saville Papers.

um lado, ele tentou definir posições políticas para a *New Left*, na tentativa de desenvolver um consenso em torno de questões práticas e teóricas. Essa foi a origem da *Revolution* e *Revolution Again*, com um apelo para uma “terceira via” entre o comunismo e a social-democracia, a uma concepção da sociedade como dividida entre “o povo” e “os monopolistas”, e para a elucidação de uma estratégia socialista enraizada em um descongelamento das tensões da Guerra Fria e da retirada britânica da OTAN.¹¹³ Como intervenções políticas imediatas, esses escritos foram feitos para definir o movimento e provocar paixões políticas. Por outro lado, ele forçou contra certas tendências dentro da *New Left*, apresentando o trabalho de Raymond Williams, por exemplo, para o que pode ser considerado crítica “não camarada”. Ele estava irritado com a definição de cultura de Williams como um “modo de vida completo” (ele preferia “forma de luta completa”), e ele estava irritado com o conseqüente desrespeito pela força de classe encorajada.¹¹⁴

O cavalo ameaçava sair desde o início em disparada. Thompson logo ficou desiludido com o funcionamento prático e a direção política do periódico. *New Left Review* apareceu pela primeira vez em janeiro de 1960 e Thompson tentou demitir-se do editorial executivo do periódico apenas três meses depois, embora a sua demissão tivesse sido ignorada pelo conselho editorial.¹¹⁵ Ele fez outra tentativa, no ano seguinte, demonstrando o seu desconforto com a “conduta e política do periódico desde o seu início”¹¹⁶ em uma carta para Saville, em seu papel como presidente do conselho editorial da *New Left Review*. Nessa

¹¹³ THOMPSON, E. P. *Revolution*. *New Left Review*, I/3, p. 3-9, 1960; THOMPSON, E. P. *Revolution Again*. *New Left Review*, I/6, p. 18-31, 1960.

¹¹⁴ Ver THOMPSON, E. P. *The Long Revolution*. *New Left Review*, I/9, p. 24-33, 1961; THOMPSON, E. P. *The Long Revolution II*. *New Left Review*, I/10, p. 34-39, 1961.

¹¹⁵ Ver Carta, E. P. Thompson para John Saville (12 maio de 1961), DJS/112, Saville Papers.

¹¹⁶ *Ibidem*.

carta Thompson argumentou que a fusão tinha sido um fracasso, no mínimo porque a “unidade organizacional precedeu em vez de seguir sobre uma unidade intelectual”.¹¹⁷ O conselho, ele argumentou, era volumoso e faltava direção política, e a *New Left Review*, conseqüentemente, não era um periódico orquestrado responsável por um coletivo político mais amplo. Em uma carta mais pessoal para Saville em torno da mesma época (maio de 1961), ele foi mais franco sobre seu descontentamento. A *New Left Review*, Thompson disse na carta, havia rompido com a tradição do trabalho coletivo estabelecido pelo *The New Reasoner*, foi governada pelo “subjetivismo”, foi mal gerida e mal editada, e estava falhando em suas funções políticas para a *New Left*. “A sensação de movimento passou... As pessoas que olhavam para nós com tanta esperança há dois anos estão agora apenas FARTOS... Não há realmente nenhuma liderança agora na esquerda, e na ‘nova esquerda’ a moda é tudo para o anarquismo - não de princípio anarquista, mas mera desorganização”.¹¹⁸

Desde o princípio, nas primeiras discussões entre os membros do conselho da *Universities and Left Review* e do *The New Reasoner*, Thompson esperava, como muitos outros, que a *New Left Review* iria oferecer à New Left “direção política”. Isso é precisamente, ele acreditava, o que a *New Left Review* havia abjurado. Nenhum acordo havia desenvolvido entre os membros do conselho, segundo ele, em questões políticas centrais: OTAN, Cuba, União Soviética, e o Partido Trabalhista. Questões ligadas à indústria, tais como a estrutura de salários, o controle dos trabalhadores, e do burocratismo sindical, haviam sido deixadas para murchar no ramo da *New Left*. Conexões internacionais, particularmente nos países comunistas, tinham sido perdidas. “Londres”, onde o periódico estava baseado e de onde era gerenciado, ignorava “o Norte”, onde Thompson e outros membros do Conselho viviam e trabalhavam. O pior de tudo, na opinião de Thompson, era a falha do periódico para promover, desenvolver e

¹¹⁷ Ibidem.

¹¹⁸ Ibidem.

guiar os clubes da *New Left*. Em 1959, ao assinar sua demissão do *The New Reasoner*, ele considerou “a forma de organização” ser o “crucial desenvolvimento”.¹¹⁹ Em 1961, ele lamentava, os clubes da *New Left* murcharam e morreram por falta de alimento e cuidado suficiente.¹²⁰

Quando Hall se demitiu da *New Left Review* no final de 1961, Thompson foi fundamental ao viabilizar o estabelecimento de uma nova equipe editorial que incluía Ralph Samuel, Dennis Butt e Perry Anderson. O objetivo era colocar o periódico em uma base financeira, política e teórica mais segura, e instituir laços mais fortes com o movimento trabalhista. A equipe teve vida breve. Após uma edição dupla, o cargo de editor passou – com apoio de Thompson – para Anderson. Em abril de 1962, Thompson se tornara desiludido com Anderson e sua nova equipe editorial (entre os quais estavam Tom Nairn e Robin Blackburn) também, citando como exemplo seu “marxismo francês sofisticado” e apoio incondicional para o “terceiro-mundismo” como rompimentos finais com sua própria tradição socialista.¹²¹ O conselho editorial foi dissolvido em maio de 1963, época na qual Thompson efetivamente encerrou sua associação perpetuamente difícil com a *New Left Review*. Ele disparou uma salva final contra a direção política e teórica da *Review* em *Socialist Register*, em 1965.¹²²

Seguindo sua abdicação do conselho da *New Left Review*, Thompson não usou o Partido Trabalhista como uma folha de figueira para esconder seu isolamento político, mesmo que ele

¹¹⁹ THOMPSON, op. cit., 1959. p. 6-7.

¹²⁰ Carta, E. P. Thompson para Saville (maio de 1961), Saville Papers. Há uma discussão dos clubes da *New Left* em Dennis Dworkin, *Cultural Marxism in Postwar Britain: History, the New Left and the Origins of Cultural Studies*. Durham: 1997. p. 69-70.

¹²¹ THOMPSON, E. P. Where Are We Now. MSS 302/3/19, Daly Papers.

¹²² Ver E.P. Thompson, “The Peculiarities of the English,” em Thompson, *The Poverty of Theory*. Há uma discussão das relações (por vezes tensas) de Thompson com a *Socialist Register* em Micheal Newman, *Ralph Miliband and the Politics of the New Left* (London 2002), 113-126.

tenha filiado-se ao Partido em 1962.¹²³ Em conferências cruciais da *New Left Review* durante 1961 ele resistiria à pressões, vindas de Saville entre outros, para reorientar o periódico em um sentido trabalhista de esquerda. Escrevendo em resposta à decisão de Lawrence Daly de dissolver a Liga Socialista de Fife em setembro de 1962, Thompson não poderia esconder seu desapontamento com a decisão de Daly, nem aprovar seu apelo pela unidade trabalhista. “Eu continuo convencido”, Thompson explicou para Daly, “que o Partido Trabalhista, certamente, na Inglaterra, é ao mesmo tempo doente e essencialmente reacionário; e que só pode ser alterado por um abalo em uma escala que vai envolver dissoluções e brigas fora do Partido, e não pode ser confinado à pressão interna do Partido”.¹²⁴ Suas esperanças por mudança socialista ainda estavam viradas para fora, mas não à custa de seus princípios socialistas, e não sem a devida atenção para a política de seu próprio quintal.¹²⁵ Mesmo quando ele assinou sua demissão da *New Left*, ele acreditava que a tradição socialista britânica, apesar de seu reformismo teimoso, de seu provincianismo frustrante e de suas deficiências teóricas, ainda tinha algo a oferecer à Grã-Bretanha e ao mundo.¹²⁶ Demonstrar tais crenças foi um propósito de *A formação*.

5

“Estou imerso”, Thompson explicou em uma carta a Raphael Samuel, em outubro de 1961, “nos problemas de John Nelson, pedreiro, que teve uma visão em algum lugar no meio do século XVIII de encontrar com Satã na forma de um alto homem negro cuja cabeça estava coroada com cobras do deserto entre

¹²³ Sobre a decisão de Thompson de ingressar no Partido Trabalhista em 1962, ver BESS, Michael. E. P. Thompson: Historian as Activist. *American Historical Review*, 98, 1, p. 25, fev., 1993).

¹²⁴ Carta, Thompson para Lawrence Daly (mar. de 1962), MSS, 302/3/1-7, Daly Papers.

¹²⁵ THOMPSON, E. P. Where Are We Now. MSS 302/3/19, Daly Papers.

¹²⁶ *Ibidem*.

Gomersal Hill Top e Cleckheaton (perto de onde Greenalds vive agora). É uma visão de certa forma desconcertante, e me distrai dos problemas da *New Left*, os quais são mais mundanos”.¹²⁷ O pregador metodista John Nelson desempenha um pequeno papel em *A formação*, dirigido no palco por Thompson para ajudar a demonstrar as mudanças sofridas pela tradição dissidente no século XVIII.¹²⁸ Como as cartas de Thompson para Samuel deixam claro, escrever *A formação* chocou-se em sua mente pela prioridade com as preocupações com a *New Left* no início dos anos 1960, e, como referência para as sugestões de Greenald, havia uma reciprocidade do passado e também do presente, enraizada na geografia e na política de West Riding. Encomendado em 1959, em torno da época que houve a fusão do *The New Reasoner* com a *Universities and Left Review*, *A formação* foi escrito enquanto Thompson estava profundamente envolvido na política da *New Left*. Em uma simetria acidental, a remoção de Thompson da comissão da *New Left Review*, e sua abdicação da principal luta dentro da *New Left*, coincidiu com a publicação de *A formação* em 1963. O livro, literalmente, passeou nas ondas da *New Left*.

Isso pode ajudar a explicar a sensação de oportunidade perdida que sombreia a conclusão do livro. Interpretações de *A formação* como um conto heroico de representação da classe operária conta apenas parte da verdade, embora seja uma importante parte. Com certeza, o livro de Thompson foi um relato da “autoformação” da classe operária inglesa.¹²⁹ Mas interpretações que exploraram esse tema deixaram algo importante de fora, no mínimo uma corrente de infortúnio que permeia o texto de Thompson, incluindo sua conclusão. Uma revolução, não obstante à “presença da classe operária”, não foi feita na década de 1830. Em vez disso, a Grã-Bretanha tem o *Reform Act* de 1832, e a classe média tinha em mãos o voto. Uma razão para isso, Thompson explicou, poderia ser encontrado na falha

¹²⁷ Carta, E. P. Thompson para Raphael Samuel (out. de 1961), Raphael Samuel Archive.

¹²⁸ Thompson, op. cit., 1963. p. 40.

¹²⁹ Ver Ibidem. p. 8-12 e p. 211-213.

da tradição romântica de Blake, Wordsworth e Coleridge para “chegar a um ponto de junção”¹³⁰ com a tradição do radicalismo plebeu. Por causa desse encontro falho “algo se perdeu. Quanto”, lamentou, “não podemos ter certeza, pois estamos entre os perdedores”.¹³¹

Uma boa parte da responsabilidade, Thompson acreditava, situa-se principalmente com a apostasia dos intelectuais. O padrão moral e político de intelectuais radicais, e o “refúgio intelectual entre os reformadores ativos”,¹³² foram temas aos quais Thompson retomou logo depois de *A formação*, em seu “sermão secular” *Disenchantment and default?* (Ele retornou, a esses temas ao fim de sua vida em *Hunting the Jacobin fox*).¹³³ “Se eu falar de apostasia, então, é uma maneira de dizer que em área após área os poetas [Românticos] [no início do século XIX] caíram no quadro tradicional do paternalismo, da doutrina anglicana, do medo da mudança”.¹³⁴ A perda foi do humanismo. Thompson viu o mesmo “processo histórico, de revolução e reação, de lealdades divididas, de visões universais e realidades limitantes, de compromisso e de desencanto”,¹³⁵ no trabalho, na década de 1950. “Em nosso tempo”, escreveu Thompson, “a reversão [da revolução à reação] aconteceu em uma década. O desencantamento napoleônico e a conformidade Vitoriana foram comprimidos em um. Solitary de Wordsworth e Mr. Podsnap de Dickens habitaram uma única pele”.¹³⁶ Depois de 1984 de Orwell, Thompson argumentou, as mentes de intelectuais e poetas dançaram ao som da música de apatia e

¹³⁰ Ibidem. p. 915.

¹³¹ Ibidem. p. 915.

¹³² Ver THOMPSON, E. P. *Hunting the Jacobin Fox*. In: THOMPSON, op. cit., 1997. p. 156.

¹³³ Ver THOMPSON, E. P. “Disenchantment or Default? A Lay Sermon” e “Hunting the Jacobin Fox,” ambos em THOMPSON, op. cit., 1997. p. 33-74 e p. 156-217.

¹³⁴ Ibidem. p. 67.

¹³⁵ Ibidem. p. 70.

¹³⁶ THOMPSON, “Outside the Whale”, p. 214.

festejaram com o *status quo*.¹³⁷ O que aconteceu foi um deslize “do amor humanista ao velho alojamento obscurantista”.¹³⁸ O deslize não foi apenas um fato da estética e da política, mas da natureza humana. Como “o circuito pelo qual as idéias são transformadas em energias sociais eficazes”¹³⁹ quebrou, o potencial revolucionário e as afirmativas do humanismo – algo que Thompson acreditava estar adormecido na sociedade e na natureza humana – foram enviados para a lata de lixo da história. “Costumes, Lei, Monarquia, Igreja, Estado, Família – tudo veio à tona. Todos eram índices do supremo bem – estabilidade”.¹⁴⁰ Esse circuito quebrado, e as consequências de sua quebra, foi o processo histórico no trabalho, Thompson argumentou, na década de 1830 e na década de 1950.¹⁴¹ A derrota das reformas de 1945 era semelhante à derrota da classe operária em 1832. Em ambos os casos a realidade derrotou a aspiração, ajudada por padrão intelectual.

Thompson acreditava que religando essa corrente - o “fluxo bidirecional de ideias e experiências entre um grupo significativo de intelectuais e a seção mais politicamente alerta do movimento trabalhista” -¹⁴² era a tarefa confrontar intelectuais socialistas, a chave para a estratégia socialista. É claro que os intelectuais não poderiam fazer o socialismo, mas eles poderiam, acreditava ele, articular aqueles “grandes potenciais humanos” negados pelo capitalismo e implícitos no protesto da classe operária.¹⁴³ Humanismo socialista, ele explicou, “pode, no essencial, primeiro,

¹³⁷ THOMPSON, op. cit., 1957. p. 34; THOMPSON, op. cit., 1959. p. 8.

¹³⁸ THOMPSON, “Disenchantment or Default?”, p. 71.

¹³⁹ THOMPSON, “Socialism and the Intellectuals,” p. 33.

¹⁴⁰ THOMPSON, “Outside the Whale,” p. 233.

¹⁴¹ Ver também, THOMPSON, op. cit., 1963. p. 193.

¹⁴² THOMPSON, op. cit., 1957. p. 34.

¹⁴³ THOMPSON, op. cit., 1957. p. 34. Ou, como ele colocou o mesmo ponto no “Commitment in Politics” (1959). “O “poder de obrigar ‘deve permanecer sempre com os trabalhadores organizados, mas os intelectuais podem trazer a eles esperança, um sentimento de sua própria força e vida em potencial.” Ver THOMPSON, op. cit., 1959. p. 55.

encontrar expressão entre os intelectuais. Mas o movimento trabalhista não vai ser lento para acolher um movimento de ideias que lida não apenas com manipulações de crédito e direitos sucessórios, mas que convoca as próprias iniciativas e energias das pessoas na transformação de seu ambiente e de si mesmas”.¹⁴⁴ Daí, a propósito do *The New Reasoner*: restabelecer “as ligações entre intelectuais socialistas e aqueles que carregam o peso do trabalho prático do movimento.”¹⁴⁵ Daí, o objetivo da *New Left Review*: “estabelecer muito mais contato entre a *New Left* e a classe operária industrial”.¹⁴⁶ Foi precisamente a abdicação diante desse dever que, na mente de Thompson, caracterizou Anderson guia para a *New Left Review*, e ofendido justificou o seu, potencialmente divisor, descontentamento.

“Derrotas”, como Thompson escreveu uma vez, “acontecem”,¹⁴⁷ mas a derrota peculiar que ele acreditava que marcou a *New Left* foi o seu fracasso não só para desenvolver formas de organização política, e para oferecer os programas e políticas do movimento trabalhista, mas também para estabelecer relações duradouras com militantes socialistas no movimento trabalhista. A culpa, Thompson compreendia, não recaía somente sobre os intelectuais da *New Left*, e ele estava tão pronto quanto qualquer um para admitir as estruturas (a lógica capitalista do processo reforçado pela Guerra Fria) que geraram o que Charles Taylor chamou de “isolamento do intelectual dos trabalhadores”,¹⁴⁸ e cuja natureza teimosa fez o sucesso ser não apenas difícil, mas improvável. No entanto, se a ambição foi abjurada, então derrotada, Thompson se supõe, não foi apenas uma contingência, mas uma certeza.

¹⁴⁴ THOMPSON, op. cit., 1957. p. 36.

¹⁴⁵ Editorial. *The New Reasoner*, 1, p. 1, Summer, 1957.

¹⁴⁶ Ver THOMPSON, op. cit., 1959. p. 6. Ver também Editorial. *New Left Review*, I/1, p. 1, jan./fev. 1960.

¹⁴⁷ THOMPSON, Edward P. The Peculiarities of the English. In: *The Poverty of Theory and other essays*. London: Merlin Press, 1978. p. 286.

¹⁴⁸ Ver TAYLOR, Charles. Socialism and the Intellectuals – Three. *Universities and Left Review*, n. 2, p. 18, Summer, 1957.

Por essa razão, ele havia sido tão crítico da *New Left Review* original de Hall quanto a de Anderson, e pelas mesmas razões. O ato de submeter a *New Left Review* à apreciação pela comissão Pilkington, conduzido por Hall e escrito por Paddy Whannel, não foi menos indicativo do padrão intelectual do que *Origins of the Present Crisis* de Anderson.¹⁴⁹

No entanto, na opinião de Thompson, não importa suas outras deficiências, a *New Left Review* original havia se enraizado nas condições britânicas contemporâneas, tentando, nas palavras de *A formação*, enxertar a Árvore da Liberdade para o repertório inglês.¹⁵⁰ Anderson e Nairn, alegou, não havia.¹⁵¹ Isso, Thompson argumentou, foi uma loucura política recorrente dos revolucionários ingleses. Observando o efeito dos massacres de setembro, da expulsão dos girondinos da Convenção, bem como o uso da guilhotina contra oponentes políticos no *ímpeto* e na moral jacobina inglesa, *A formação* comentou: “essas experiências provocaram a primeira fase desse profundo desencantamento, numa geração intelectual que tinha identificado suas crenças em uma forma muito ardente e utópica com a causa da França”.¹⁵² Por trás desse julgamento ficou a experiência de comunismo de Thompson. No entanto, também foi um aviso aos intelectuais da *New Left*, que, Thompson acreditava, estavam evitando o potencial revolucionário na Grã-Bretanha no seu envolvimento indireto com as revoluções anticoloniais no “Terceiro Mundo”.¹⁵³

A formação era tanto uma história social das ideias radicais como uma história da luta política da classe operária (Thompson, é claro, se recusou a separar os dois, embora comentário posterior enfatizasse esse último em detrimento do primeiro). Ideias,

¹⁴⁹ Ver Television Supplement. *New Left Review*, I/7, p. 28-48, jan./fev., 1961; ANDERSON, Perry *Origins of the Present Crisis*. *New Left Review*, I/23, p. 26-53, jan./fev., 1964.

¹⁵⁰ THOMPSON, op. cit., 1963. p. 495.

¹⁵¹ THOMPSON, E. P. *Where Are We Now*. MSS 302/3/19, Daly Papers.

¹⁵² Thompson, op. cit., 1963. p. 495.

¹⁵³ THOMPSON, E. P. *Where Are We Now*. MSS 302/3/19, Daly Papers.

nada mais, nada menos que a classe operária, são dotadas de funções na história da formação de classe de Thompson.¹⁵⁴ De fato, um propósito de *A formação* foi demonstrar que, no início, o movimento da classe operária tinha em mente que as ideias eram forças materiais, e que a direção da história cultural foi em grande parte o produto de uma minoria política articulada.¹⁵⁵ Mas o sentido da função não é indiscriminada e não são inerentes em ideias consideradas na abstração. Ideias, como Thompson disse uma vez, não são a expressão da individualidade ou da independência.¹⁵⁶ Pelo contrário, é o contexto social que determina a sua realidade e força. Ideias poderiam permanecer em despercebidas seitas reunidas em charneças ou em casas públicas, admoestados diante de um punhado de devotos, durante décadas ou séculos, esperando para ser “plantado em um contexto social beneficente e esperançoso”¹⁵⁷ para se desenvolver. Uma vez germinadas, ideias poderiam se tornar “por sua vez uma parte das condições sociais”.¹⁵⁸

Grande parte da abordagem de Thompson à ideias, e a parte que desempenharam na formação de classes, foi elaborado na sua crítica ao stalinismo. “Aquelas ideias que não se adaptam aos interesses de qualquer grupo social ativo”, escreveu ele em *Socialist Humanism*, “ou são natimortos, ou (como *Utopia* de More) permanecem suspensas, sem efetividade social, até que novas forças sociais surjam. Mas é de suma importância que os homens não só ‘reflitam’ experiência passivamente, mas também pensem sobre essa experiência, e seu pensamento afete à maneira como eles agem. O pensamento é a parte criativa do homem, que, mesmo na sociedade de classes, faz dele, em parte, um agente da história, assim como ele é, em parte, uma vítima

¹⁵⁴ Ibidem, 1963. p. 54.

¹⁵⁵ “...Se estamos preocupados com a mudança histórica, devemos escutar às minorias articuladas”. Ver Ibidem, 1963. p. 59.

¹⁵⁶ THOMPSON, op. cit., 1957. p. 20.

¹⁵⁷ THOMPSON, op. cit., 1963. p. 39.

¹⁵⁸ THOMPSON, op. cit., 1957. p. 108.

de seu ambiente”.¹⁵⁹ Consequentemente, o pensamento ocupou uma parte tão grande de *A formação* como a Revolução Industrial. Não só *A formação* nos convida a mente de Paine, Cobbett e Wollestonecraft, mas também para a mente de sindicatos ilegais, de Sociedades Constitucionais e Correspondentes para a Reforma, de insurreições conspiratórias e de periódicos radicais. Ao fazer o máximo, Thompson demonstrou – como ele colocou em *Socialist Humanism* – como as idéias eram o meio “pelo qual os homens apreendem o mundo, pensam, discutem, debatem e escolhem”; e, como através do pensamento e da criatividade, as pessoas tornaram-se “em parte um agente da história”.¹⁶⁰ Em uma época que designou o “fim da ideologia” e que a historiografia trabalhou sob os tomos pesados, secos e privados de ideia da escola Namierite, *A formação* colocou as ideias de volta na história.

A formação insistiu, então, que o processo histórico era uma “forma de luta completa”, como Thompson definiu a cultura em sua revisão de *The long revolution* de Raymond Williams em 1961.¹⁶¹ “Temos que supor que a matéria-prima da experiência da vida está em um polo e todas as disciplinas e sistemas humanos infinitamente complexos, articulados e inarticulados, formalizados em instituições e dispersos pelos caminhos que ‘manuseia’ são menos formais e transmitem ou distorcem esta matéria-prima, estão no outro. É o processo ativo – que é ao mesmo tempo, o *processo através do qual os homens fazem a sua história* – que eu estou insistindo”.¹⁶² Existem alguns resumos melhores do argumento de *A formação* que esse. Em sua discussão sobre a Revolução Industrial e a repressão política – “um determinado complexo de relacionamento humano: direito, propriedade, poder” –¹⁶³ e como esses afetaram artesãos, trabalhadores do campo

¹⁵⁹ Ibidem. 1957. p. 113.

¹⁶⁰ Ibidem. 1957. p. 112

¹⁶¹ Ver THOMPSON, E. P. op. cit., 1961. p. 38; THOMPSON, op. cit., 1959. p. 54.

¹⁶² THOMPSON, op. cit., 1961. p. 33.

¹⁶³ THOMPSON, op. cit., 1963. p.224.

e tecelões, Thompson forneceu uma descrição valorizado da matéria-prima da experiência da vida através dos anos primitivos de industrialização. Em sua elucidação de tradições políticas e culturais – seja o impulso democrático associado com *Direitos do Homem* de Paine, a tradição de dissidência, mitos de aldeia paternalista perdida ou tradições trabalhistas de cooperação e comunidade – Thompson forneceu um relato dos meios pelos quais essa experiência foi “manipulada”. Na interação dialética entre os dois – “homens atuam, ocorrem experiências, os mesmo pensam e agem novamente” –¹⁶⁴ Thompson demonstrou o processo pelo qual as pessoas que trabalham atingiram a autoconsciência e como isso foi expresso, acima de tudo, em ação política.

É bem conhecido que *A formação* continha uma nova “teoria” de classe, consciência de classe e formação de classe cujo adversário foi a concepção das relações de produção encontrados na sociologia burguesa e ortodoxia marxista. *A formação*, é verdade, rejeitou “uma definição estática de classe”, e, no curso do argumento do livro, Thompson recomenda historiadores e sociólogos emborcarem o pressuposto “de que a classe operária é uma determinada entidade com uma consciência característica ‘fixa’ que pode aumentar ou diminuir, mas permanece essencialmente a mesma coisa”.¹⁶⁵ De fato, “‘isto’ nunca existiu”.¹⁶⁶ Em vez disso, a classe, de acordo com Thompson, era um relacionamento e um processo; na definição abreviada, “uma classe é o que se define como tal por sua ação histórica”.¹⁶⁷ A classe operária “se definiu em termos históricos”, disse Thompson, “porque essas pessoas [com uma relação comum com os meios de produção e uma experiência de vida compartilhada] tornaram-se conscientes de seus interesses comuns, e desenvolveram formas adequadas de organização comum e ação”.¹⁶⁸

¹⁶⁴ THOMPSON, op. cit., 1957. p. 113.

¹⁶⁵ THOMPSON, op. cit., 1960. p. 24.

¹⁶⁶ Ibidem. 1960. p. 24.

¹⁶⁷ Ibidem. 1960. p. 24.

¹⁶⁸ THOMPSON, op. cit., 1960. p. 24.